

Relato de experiência

Rosângela Alves Garcia

Há vinte anos, iniciei minha carreira de Assistência Social no serviço público. Nunca esquecerei o desconforto moral e a angústia existencial que se instalaram em mim desde os primeiros dias de trabalho no DEGASE.

A imagem impactante: umas duas dezenas de adolescentes sentados no chão e de cabeças baixas. Aguardavam a triagem para habitarem os alojamentos. Ah! Os alojamentos, superlotados, escuros. Sujos e com um cheiro insuportável que misturava suor, sêmen e urina, entre outras coisas.

Por alguma razão ancestral e/ou solidária, naquele lamentável cenário, vislumbrei o que foram os porões dos navios negreiros e as senzalas. Assim sendo, até hoje me percebo frente ao questionamento íntimo: Qual o meu papel nesse nefasto contexto? Sinhazinha? Feitora? Encarcerada? Justiceira? Abolicionista? Estava eu, entre os adolescentes, suas famílias, a instituição e o poder público. Todos portadores de direitos e deveres, diversos e até antagônicos que caberia a mim intermediar.

Todas as teorias e filosofias, presentes em minha formação acadêmica, dificilmente dariam conta dessa utópica missão. Entendi que, por mais que fundamentasse meus relatórios e pareceres técnicos, em nada tal realidade poderia ser transformada. Trata-se de um dilema social, forjado por interesses econômicos e políticos hegemônicos. Consolidados em milênios de história civilizatória. Portanto, precedem as instituições pelas quais passei e me encontro. A questão é estrutural, presente na cognição de todos, inclusive na minha.

A criminalização da pobreza, o encarceramento e a banalização do genocídio da juventude negra tem nome. Seu nome é Racismo, ou seja, a discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras. Esta noção tem base em diferentes motivações, em especial as características físicas e outros traços do comportamento humano. Consiste em uma atitude depreciativa e discriminatória não baseada em critérios científicos em relação a algum grupo social ou étnico.

Além de todos os “ismos” a que está exposta a clientela da instituição, o racismo é o determinante perverso e velado que permeia o sistema e o processo socioeducativo. Não representando diferença significativa no campo social que se humanize o atendimento, oriente sobre direitos e deveres ou desenvolva projetos para promoção social.

Em 13 de maio de 2015, lança-se o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros do Novo DEGASE (NEAB-ND). Enunciando que o “combate ao racismo é a preocupação primeira de nosso grupo. Nossa intenção é tornar o NEAB-ND um pilar da promoção da igualdade racial no Sistema Socioeducativo. Nessa perspectiva, estamos promovendo ações que contribuam para a valorização, difusão e preservação de culturas negras bem como apresentar outra África, ressaltando as

Seção Treinel

suas contribuições para a história universal, destacando a participação de seus heróis e de sua cosmogonia. Nosso intento vai ao encontro do consignado na Lei 10.639/2003, em processo de consolidação no sistema de educação. Estamos na luta para efetivarmos no Brasil uma cultura de respeito aos Direitos Humanos e às diversidades, superando, assim, práticas de discriminação racial, ainda vigentes”.

Instaura-se um espaço de luta antirracial na Socioeducação, ainda que de forma tardia. O racismo estrutural deve ser enfrentado em todo o Sistema Sociojurídico. No Brasil e no mundo, a luta contra o racismo e todas as suas manifestações, requer reconstrução cognitiva, cultural, social e estrutural do mundo civilizado.

Tenho acompanhado com interesse e entusiasmo, ainda que em processo de construção, os movimentos, os coletivos, os grupos, os cursos e etc. Tantas frentes de luta, tantos desejos de justiça, tantas esperanças, tantos marcos históricos e legais. No entanto, tanto ainda há por fazer, o caminho é longo, extenso, movediço, sofrido, mas possível.

E ser possível é o máximo.

Sei que não verei o DEGASE que sonhei, não colherei os frutos das sementes que plantei e não importa. Fiz a minha parte e o meu melhor. Decidi ser abolicionista, esse é o meu papel.